



Interface - Comunicação, Saúde, Educação

ISSN: 1414-3283

intface@fmb.unesp.br

Universidade Estadual Paulista Júlio de  
Mesquita Filho  
Brasil

Prata, Pedro Reginaldo

Duzentos anos de formação médica no Brasil: onde e quando devem ser comemorados?

Interface - Comunicação, Saúde, Educação, vol. 14, núm. 33, abril-junio, 2010, pp. 471-473

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=180115834020>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Duzentos anos de formação médica no Brasil: onde e quando devem ser comemorados?

Two hundred years of medical schools in Brazil: when does it can be celebrated?

Doscientos años de formación médica en Brasil: ¿ donde y cuando debe conmemorarse?

Muito se tem dito sobre os duzentos anos do ensino médico no Brasil, houve até comemorações no ano de 2008, mito ou realidade? O que nos diz a história sobre onde e quando esta data deve ser de fato celebrada?

Naqueles tempos idos havia, além dos curandeiros, feiticeiros e outros atores informais que cuidavam das enfermidades, três profissionais reconhecidos, cada um com sua formação, atribuição e hierarquia específica, para o exercício profissional: os chamados apotecários<sup>1</sup>, os cirurgiões e os médicos<sup>2</sup>. Os primeiros preparavam “medicamentos”, os cirurgiões aplicavam ventosas, cuidavam das fraturas, contusões, feridas e realizavam cirurgias, enquanto os médicos praticavam a clínica, para prevenir e tratar as enfermidades<sup>3</sup> (tal como hoje).

Esta divisão do trabalho vem dos tempos da medicina Hipocrática, baseada na razão, na qual a experiência da observação ao “pé do leito” do enfermo se torna central para o exercício racional da clínica, em contraste com a concepção abstrata do sobrenatural, prevalente na era pré-hipocrática. Para isso, o ganho de confiança na relação médico-paciente se tornou essencial para o sucesso da cura. Para que esta relação de confiança não se quebrasse, procedimentos (na época) de alto sofrimento<sup>4</sup> e risco<sup>5</sup>, como as cirurgias<sup>6</sup>, deveriam ser deixados para um outro

profissional, experiente na manipulação de ferimentos de guerra: o cirurgião<sup>7</sup>. Além disso, a cirurgia era considerada uma atividade hierarquicamente inferior, por ser um trabalho que usava as mãos (manual), e não a cabeça, o raciocínio clínico<sup>8</sup> (Scliar, 2003; Porter, 1997). Assim, havia uma hierarquia processual na formação destes profissionais, sendo os médicos formados na Academia (Faculdades e Universidades) e os cirurgiões nas Escolas<sup>9</sup>, onde obtinham um treinamento essencialmente prático (Sinclair, 1997).

No final da última década do século XVIII, em Paris e em Edimburgo, a cirurgia começou, de forma incipiente, a ter status acadêmico, havendo turmas mistas de estudantes de medicina e de cirurgia, nas poucas disciplinas básicas comuns, mas com a formação de profissionais distintos. Como consequência, a partir do início do século XIX, na Europa, iniciou-se a convergência da formação médico e cirúrgica, de forma gradual e progressiva.

Estes profissionais eram formados nas Escolas e Faculdades Europeias, até que D. João VI veio para o Brasil e estabeleceu, no Rio de Janeiro, a sede do Império Português (portanto, na prática, “deixamos” de ser colônia). Desta forma, foi possível e necessário o desenvolvimento das ciências e, em especial, a formação local de profissionais de saúde, pois havia

<sup>1</sup> Hoje denominados farmacêuticos.

<sup>2</sup> Na Inglaterra e na Alemanha havia também o barbeiro na base da escala profissional.

<sup>3</sup> Também emitir um prognóstico, tarefa que demonstrava saber e experiência, essencial para inspirar confiança.

<sup>4</sup> Não havia anestesia, portanto a dor provocada pelas intervenções era excruciante.

<sup>5</sup> Não havia antibiótico, portanto era alta a letalidade pós-operatória por infecções.

<sup>6</sup> Do grego: *cheiros* (mãos) *ergon* (trabalho).

<sup>7</sup> Esta interdição estava na versão original do juramento de Hipócrates: “Eu não irei cortar, até mesmo para retirar cálculos, eu vou deixar estes procedimentos para os cirurgiões”.

<sup>8</sup> Baseado na razão, como anteriormente mencionado.

<sup>9</sup> Exceto na Itália onde não havia esta distinção.

escassez de profissionais formalmente qualificados por aqui (Capozzoli, 2009; Lima, 2008). Mas como este processo se deu?

Logo quando de sua passagem por Salvador, D. João VI fundou a Escola de Cirurgia da Bahia, em 18 de fevereiro de 1808. Note: **escola<sup>10</sup> de cirurgia**, tendo o curso duração de três anos, compreendendo as seguintes disciplinas: anatomia, cirurgia teórico-prática e operações cirúrgicas. Neste curso inicial não constavam as disciplinas fármaco-clínicas, indispensáveis para a formação de médicos. Esta escola, portanto, formava “cirurgiões”, e não “médicos”, e funcionava no Hospital Real Militar (nada mais adequado como campo de prática para cuidar de fraturas, contusões e feridas). Similarmente, logo em seguida, no Rio de Janeiro, D. João VI criou, em 2 de abril de 1808, a **Escola Anatômica e Cirúrgica** do Rio de Janeiro<sup>11</sup>. Esta escola também funcionava em um Hospital Militar (o da Corte).

Em 1813, por proposição do Diretor de Estudos Médico-Cirúrgicos da Corte e Estado do Brasil<sup>12</sup>, a **Escola Anatômica e Cirúrgica** do Rio de Janeiro foi transformada em **Academia Médico-Cirúrgica**, passando o curso a ter a duração de cinco anos. Note: **academia<sup>13</sup> médico e cirúrgica**, onde além das disciplinas de cirurgia e anatomia (como na Bahia) passaram a constar do currículo as disciplinas: medicina clínica (teórica e prática) química, farmacologia, botânica<sup>14</sup>, higiene e etiologia das doenças. O diferencial estava justamente nestas disciplinas adicionais habilitando o formando para o exercício da clínica médica e para o tratamento das enfermidades. Portanto, a escola do Rio de Janeiro tornou-se academia e passou a formar médicos a partir de 1813. O mesmo veio a acontecer com a Escola Cirúrgica da Bahia que também foi transformada em **Academia Médico-Cirúrgica**, nos mesmos moldes da do

Rio de Janeiro, mas somente em 1815.

Estes novos cursos, com cinco anos de duração, passaram a ser ministrados no Hospital da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro e de Salvador (nada mais adequado como campo de prática para o aprendizado da clínica). Deste então, seguindo a tendência Européia, a formação do cirurgião separada do médico desapareceu, passando a cirurgia a ser uma especialidade médica.

A Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro<sup>15</sup> elaborou, em 1830, um projeto de reforma do ensino médico que resultou na transformação das Academias do Rio de Janeiro e da Bahia em Faculdades de Medicina, em 3 de outubro de 1832. Com esta reforma, ambos os cursos passaram a ter a duração de 6 anos (formato que permanece até hoje), com as disciplinas: física, botânica, zoologia, mineralogia, anatomia geral e descritiva, química médica, farmácia, fisiologia, patologia externa e interna, cirurgia<sup>16</sup>, medicina interna<sup>17</sup>, clínica cirúrgica, obstetrícia e ginecologia<sup>18</sup>, pediatria e puericultura<sup>19</sup>, medicina legal, matéria médica brasileira, história da medicina e higiene.

Desta forma, embora se possa considerar que as Escolas de Cirurgia, fundadas em 1808, tenham sido os “embriões” do ensino “médico” no Brasil, o nascimento somente ocorreu, de fato, em 1813, no Rio de Janeiro, e, em 1815, na Bahia (onde, respectivamente, se deve comemorar o bicentenário do ensino médico, em 2013 e 2015). A partir de então, o ensino da medicina amadureceu, atingindo sua “maioridade” com a criação das Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro<sup>20</sup> e da Bahia<sup>21</sup>, ambas em 1832 (ano que deve e pode constar em seus respectivos brasões), portanto, a comemoração do bicentenário destas Faculdades deve ocorrer em 2032.

É isto que nos diz a história sobre onde e quando os duzentos anos do ensino médico no Brasil devem ser

<sup>10</sup> Como vimos, as Escolas formavam cirurgiões e a Academia, médicos.

<sup>11</sup> Também conhecida como Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro. Porém, tanto pela denominação Escola, quanto pela duração do curso e pelo local de prática, também pode-se concluir que esta Escola inicialmente formava cirurgiões, como ocorria na Escola de Cirurgia da Bahia.

<sup>12</sup> Dr. Manuel Luís Álvares de Carvalho (formado em Coimbra, como não poderia deixar de ser, já que, em 1813, ainda não se diplomavam médicos no Brasil).

<sup>13</sup> Como vimos, médicos se formavam nas Academias.

<sup>14</sup> Esta disciplina foi introduzida 1 ano depois, em 1814.

<sup>15</sup> Mais tarde denominada Academia Imperial de Medicina.

<sup>16</sup> Chamada, na época, de medicina operatória e de aparelhos.

<sup>17</sup> Chamada, na época, de clínica interna.

<sup>18</sup> Chamadas, na época, de doenças em mulheres e partos.

<sup>19</sup> Chamadas, na época, de doenças em recém-nascidos.

<sup>20</sup> Hoje, integrante da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>21</sup> Hoje, integrante da Universidade Federal da Bahia.

<sup>22</sup> Do original de Eça de Queiroz: "sobre a nudez crua da verdade, o manto diáfano da fantasia".

celebrados, fora isso trata-se apenas do "manto diáfano da fantasia" a encobrir "a nudez crua da verdade"<sup>22</sup>.

"Descobrir" a realidade é essencial para a formação de estudantes e profissionais interessados nas ciências da saúde em geral, e na história da educação médica no Brasil, em particular.

#### Pedro Reginaldo Prata

Departamento de Saúde Coletiva I,  
Instituto de Saúde Coletiva, Universidade  
Federal da Bahia. Rua Basílio da Gama,  
s/nº. Canela, Salvador, Bahia, Brasil.  
40.110-040. pedrorp@ufba.br

#### Referências

CAPOZZOLI, U. (Ed.). História da Ciência no Brasil, 1500-1920: abertura para o conhecimento. *Sci. Am. Bras.*, v.1, n.1, p.55-97, 2009.

LIMA, S.C.S. Nascimento da medicina brasileira. *Cienc. Hoje*, v.41, n.248, p.76-7, 2008.

PORTER, R. **The greatest benefit to mankind**: a medical history of humanity from antiquity to the present. London: Harper Collins Publishers, 1997.

SCLIAR, M. **Saturno nos Trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SINCLAIR, S. Dispositions and the profession historically. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Making doctors**: an institutional apprenticeship. Oxford: Berg, 1997. p.39-71.

Recebido em 18/01/10. Aprovado em 01/03/10.